

---

## **QUANDO CORPO E MENTE PRECISAM SABER: RELATOS DE FORMAÇÃO INTELLECTUAL**

Ms. Maria Claudia Cavalcante  
Professora da Faculdade Vale do Salgado (FVS)  
E-mail: cacau\_06@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objetivo problematizar a narrativa memorialística de Gilberto Amado em torno de sua formação intelectual. Neste sentido, entendo que ao narrar suas experiências, o autor visa construir imagens de si, objetivando a sua legitimação como sujeito intelectualizado. Um sujeito intelectualizado que como tal tem que possuir um corpo intelectualizado.

Esta idéia partiu da discussão empreendida na dissertação de Mestrado, intitulada “Em frente ao espelho: recompondo e decompondo cacos de si: memória e intelectualidade em Gilberto Amado.” Alí, percebi que a construção da imagem do intelectual não perpassa apenas o relato de suas leituras, mas também o relato de todo um cuidado com o corpo e com os espaços que ele freqüentava, desde a infância. Por corpo intelectualizado entendo toda uma gama de prerrogativas que é selecionada por Gilberto Amado na sua descrição enquanto intelectual, um sujeito de saber, isto é, um corpo higiênico, ascético, racional e masculino. Um corpo que nasce com a República e seus ideais civilizatórios. Um corpo de um intelectual e político necessário ao bom regimento da nação.

Nesse sentido, este texto é parte de uma discussão maior feita na dissertação acima citada que problematiza como a narrativa em torno do corpo e os demais espaços percorridos - as condições de higiene das Repúblicas e da escola por onde passou ao longo de sua trajetória intelectual, a luta contra seus ímpetos sexuais, as relações com mulheres que passaram por sua vida - atuam na construção de sua imagem enquanto intelectual.

De acordo com Amado, o aprendizado das primeiras letras deu-se pelo auxílio da mãe Ana. Era comum, no século XIX, a educação de meninos e meninas ser feita por mestres particulares, também chamados de preceptores ou até mesmo pela mãe, caso estas tivessem algum aprendizado das letras como parecia ser a mãe de Amado. A educação doméstica, até certa idade, era reconhecida como modalidade mais adequada ao ensino de meninos e meninas, porém eram acessíveis a poucas pessoas. A partir do momento em que as instituições começam a intervir na educação, a escola gradativamente passa a ser o foco de interesse da intervenção do Estado na família.

A princípio, segundo Vasconcelos (2005), a intervenção institucional da educação na família é vista com maus olhos pelas elites que “julgavam essas medidas como afronta intervencionista ao poder que até então era exclusivamente da casa: decidir, contratar, fiscalizar e deliberar sobre a educação de seus filhos” (VASCONCELOS, 2005, p. 105). Gradativamente, as elites começam a perceber que podem aliar-se ao Estado e dividir com ele a responsabilidade da educação dos filhos. É nesse momento, que a escola começa a ganhar fôlego até se tornar foco de interesse hegemônico no século XIX.

Tendo nascido no ano de 1887 e iniciado os seus estudos em escola por volta dos seis, sete anos de idade, os primeiros anos de escola foram vivenciados por Amado na escola de Sá Limpa. Personagem que entra nas memórias do autor como um dos seres fantásticos que povoavam sua imaginação infantil, “como uma das visagens que o crepusculavam nos olhos na primeira sonolência noturna” (AMADO, 1958, p. 85).

Sá Limpa era a professora particular e se diferenciava, segundo Amado, de Maria Cândida, professora pública, magra, sempre de enxaqueca com rubores súbitos, moça velha de peito murcho. Sá limpa era diferente, era professora ilustrada e puxava pelos meninos (AMADO, 1958, p. 80).

Mesmo sendo professora ilustrada e particular, Amado destaca em suas memórias que a escola de Sá Limpa situava-se na rua principal, onde corria um rego por onde passava a enxurrada da cachoeira. Amado relata com detalhes a insalubridade que cercava a escola. A porta da escola sobre dois batentes dava logo para a lama, na qual os meninos se deliciavam metendo os pés. Poucos eram os que usavam sapatos, a maioria andava de tamanco ou descalços. Com os pés enlameados, entravam na escola, trazendo consigo os excrementos e com eles todas as formas e modalidades de doenças. A disenteria e a ameoba por ali se misturavam. Outros meninos iam para a escola com sezões, tinham ataques durante as aulas. “Batiam os dentes, começavam a tremer”. A professora Sá Limpa os cobria com um saco velho por detrás de uma porta. No fim da aula eles voltavam, suando e com um ar de quem sai da escuridão, piscando os olhos. Iam pela rua trocando as pernas” (AMADO, 1958 a, p. 91).

A palmatória ainda agredia as mãos dos moleques que não decoravam a tabuada e em alguns o líquido chegava a escorrer pelas pernas (AMADO, 1958, p. 85-88). Como se percebe, a escola onde Amado começou seus estudos não correspondia aos padrões modernos de escolaridade. Para termos idéia das condições escolares vigentes no Sergipe na primeira década do século XX, basta destacar que, nas vésperas da instauração da República, o presidente da então província Dr. Francisco Ildefonso Ribeiro de Menezes denunciava as

condições de funcionamento das escolas públicas, informando suas precárias condições de existência, destacando a falta de espaço e luz, os olhos nus das crianças que sentavam em tábuas ao rés do chão, onde não havia nem mesa para os professores, nem tampouco livros para os alunos estudarem. Entre os anos de 1889 e 1910, quatorze atos tentaram organizar a instrução primária no estado. Estes atos constatavam as precárias condições que circundavam as práticas de escolaridade no Sergipe, fortemente denunciadas pelos presidentes que governaram o estado (OLIVEIRA, 2004, p. 75 -79). Pelos relatos de Amado, podemos inferir que mesmo sendo a escola de Sá Limpa particular, as condições de escolaridade daquele espaço de saber pareciam não se diferenciar tanto das demais escolas públicas do estado do Sergipe.

Em meio à precariedade das condições de escolarização que Amado vivia desfilam tipos na narrativa daquele autor que demarcam o outro na escola, personagens para os quais o autor cartografa um lugar de distinção perante os colegas. Figuram nas memórias da Escola de Sá Limpa personagens como os caipirinhas, os pixains, os cabos verdes, os sararás, uns italianos, outros banguelas, zarolhos, tártaros, perebentos. Havia também meninos com umbigos grandes, tufudos, empinados, pendentes como quiabos no meio da barriga e um cabrocha magrinho de fala fina. Meninos que comiam caroços de jaca e bunda de tanajura assada, além de cacos de telha nova, dos quais o autor só lembra suas panças e faces tristes (AMADO, 1958, p. 90-91).

Todos esses personagens se distinguem de Amado em sua narrativa. Afinal ele era filho do coronel Melk, dono da loja mais famosa da cidade, chefe político, homem que trouxe o teatro para Itaporanga. Amado já aqui constrói sua identidade enquanto alguém que em muito se distinguia de seus colegas de escola. Talvez por isso, observamos a quase ausência de narrativa acerca de sua própria passagem pela Escola de Sá Limpa. O que fica são as imagens impactantes dos outros. É como se Amado não fizesse parte daquele mundo, por isso a escrita de suas práticas escolares relaciona-se aos diversos outros que dão dizibilidade e visibilidade para que o autor se construa como aquele que era diferente de todos. A narrativa de Amado obedece a um desejo do autor de se construir como um corpo que, desde criança, estava predestinado ao saber. Um corpo higienizado e disciplinado, necessário a sua gestão enquanto intelectual. Ao narrar sua experiência na escola, o protagonista converte-se em espectador daquilo que lhe causa estranheza. Ele até tinha vontade de provar o gosto da carne de tanajura assada que muitos dos outros meninos comiam, mas tinha medo (AMADO, 1958, p. 91).

Aqui, já começamos a perceber também uma certa particularidade na escrita de Amado quando o assunto são suas experiências escolares na infância: toda uma narrativa preocupada com a construção não só de um corpo educado, mas também de um corpo disciplinado e higienizado que se distinguia dos demais. Amado participa da construção de si, moldando-se ao tipo do

indivíduo contido, polido, ‘bem educado’, cuja norma ideal é o comportamento reprimido e disciplinado do gentleman, do *peti-bougeous* europeu. Mas, às custas de uma crescente tendência a autoculpabilização, que se tornou a marca registrada do sujeito ‘civilizado’ e aburguesado. Do sujeito forçado a exercer o autocontrole sobre si mesmo. Do sujeito ensinado a reagir com estranha intolerância às menores falhas morais – reais ou imaginárias, suas ou de seus pares – falhas estas, responsáveis, em muitíssimas ocasiões, pelo sofrimento psíquico que ele experimentava (COSTA, 1999, p. 14).

Neste sentido, podemos dizer que o corpo de Amado não atenta apenas para si, mas para o espaço e as demais pessoas que convivem com ele. Segundo Costa (1999), o ideal do indivíduo polido foi tema perseguido pela elite política e letrada, não só na primeira República, como também se estendeu para meados do século XX. No intuito de construir sua imagem como intelectual saudável, Amado persegue e destaca, desde sua narrativa de infância, os outros dos quais ele se diferenciava, aqueles corpos sujos e ignorantes do qual ele membro da elite de Itaporanga se distinguia. E isto não nos causa tanto estranhamento se levarmos em conta o fato de que quando Amado escreve suas memórias ele já é um homem maduro, político e letrado que atuou na construção dos ideais de um país moderno que para ser moderno tinha que ser educado e higienizado, daí também o interesse em construir, através de seus escritos memorialísticos, uma narrativa que o edifique como indivíduo, que desde a infância, estava predestinado a ser um espírito moderno, se levarmos em conta que ser um homem moderno, desde a primeira República, significa ser um corpo saudável não só fisicamente como também intelectualmente.

Quando se transfere para Salvador para cursar Farmácia, o que fica nas memórias de Amado além das condições de insalubridade das repúblicas da Bahia, é o esforço dos estudos, as aulas de reforço que dava para angariar recursos que acrescentassem algo à incipiente mesada, às más condições sanitárias da existência de estudante nas Repúblicas e a vida de muitos estudantes, que segundo o autor, nada tinham em termos de “*virilidade espiritual*”. Impressionava o que ele chama de “*boçalidade sexual*” que reinava nas repúblicas.

As moléstias obrigadas a sândalo Midy, óleo de copaíba, xarope de Gibert, pílulas de Ricord, eram consideradas fato natural. Muitos se gloriavam das contaminações e dos seus efeitos, como se fossem emblemas ou troféus de vitória. Não contentes, zombavam dos precavidos e esclarecidos que resguardavam o corpo e não ostentavam as mesmas mazelas. Rapazes chegavam do interior vendendo saúde, entregavam-se, perdiam a vista (AMADO, 1958, p. 259).

Já em Recife, Amado também fora tentado por uma mulata que, segundo o autor, “estava carregada de moléstias do mundo”.

Dominado, desde cedo, por um senso naturalístico da vida, acreditando em micróbios, contágio, infecção, e disposto a não sacrificar definitiva e desnecessariamente a saúde, não me deixei arrastar e imolar na facilidade em que via tantos colegas se desgraçarem. Troçavam-me na sua inconsciência; não podiam compreender que eu me preservasse como o fazia. A mulata provocava-me, usava de todos os meios de atração. Defendi-me, não a deixei sequer aproximar-me. Tinha medo até do hálito distante (AMADO, 1958, p. 21).

De férias da faculdade, relata a sua volta a Itaporanga e o medo de doenças venéreas aparece nas lembranças de Amado em outro relacionamento. Desta vez com uma mulher casada, uma loura com a qual desenvolvera o hábito de trocar sugestões de leituras. Amado disputava o amor daquela mulher com seu primo Joãozinho Almeida que, nas palavras do autor, tinha o corpo cheio de marcas de “doenças do mundo”. Segundo o autor, suas brigas com o primo não era por ciúmes da moça, mas por zelo com o que ele havia nascido “com seus gostos e tendências (...) por saúde, medo de doença, pena de admitir a simples possibilidade de estragar-se tão belo pedaço de mocidade!” (AMADO, 1958, p. 54).

De acordo com Mary Del Priore (2006), doenças como a sífilis, chegam ao Brasil no século XIX com a chegada dos bordéis. É, neste momento, que se multiplicam os manuais de venerologia e descobertas feitas na primeira metade do século permitem identificar os cancros simples dos infectantes. Descreviam-se o alastramento das doenças pelos rins, fígado e sistema nervoso, aumentando o medo das pessoas em torno do assunto. Os jornais multiplicavam assuntos sobre os remédios milagrosos e, segundo a autora, não foram poucos os homens públicos, senadores e poetas que morreram desta moléstia. De todo modo, a doença era tida como ícone de masculinidade. “A moral social – que dava ao sexo masculino toda a liberdade e nenhuma ao feminino – tornava difícil a confissão da mulher sifilítica” (DEL PRIORE, 2006, p. 202).

Nos relatos de sua juventude no Recife, percebemos que mesmo que suas memórias remetam sempre às lembranças de estudos em detrimento de suas relações afetivas, quando

---

seus desejos físicos são narrados, estes são escritos em meio à tensão entre a vontade sexual e uma obrigação de se autodisciplinar. Ainda em seus relatos sobre sua formação no Recife, os embates que o envolviam em suas andanças por aquela cidade, temos:

No Recife o fenômeno era outro, a vibração tão intensa, do delírio tão grande, mas aí, em vez de fundir-me no universo multânime da noite, em vez de juntar o meu silêncio às sua mil vozes múrmuras, eu era atuado, impulsionado por uma violência direta, imediata, para um fim preciso, concreto, recortado numa objetividade tremenda. Meu vagar, propulsado por forças obscuras e indefinidas, tinha um objetivo definido. Eu não saía para comer a noite, abraçar-me com ela, comungar com seus dramas difusos e sua mitologia protéica. O mudo se reduziria, suas mil formas se concretizaram... em forma de mulher, corpo de mulher, seio de mulher. O espírito reage e quer lutar, a inteligência, a razão, intervém, mas um poder maior, um chamejar de vulcão, trabalha, por dentro, o corpo. Palpita toda a carne. Então no tópo da noite, a boca sedenta, o rapazinho que morde o travesseiro e quer despedaçar lençol começa a murmurar o nome e a sentir nos lábios que se fecham a aflorar beijos imaginários (AMADO, 1958a, p. 181).

Por mais que procurasse por mulheres, Amado privilegia em seu relato a tensão entre corpo e espírito. A razão luta contra os instintos e a voluptuosidade daquele homem acaba por restringir seu desejo a morder o travesseiro e a despedaçar o lençol. A lembrança desse fato sugere uma tentativa de adestramento de si por meio da anotação em suas memórias de seus desejos ou de seus pecados, se usarmos uma terminologia cristã. Segundo Foucault (1992), este procedimento de anotar os pensamentos considerados pecaminosos pelo cristianismo faz parte da moral ascética cristã que aconselhava tal prática a seus discípulos para que dali pudessem extrair o que o envergonhavam, realizando assim a prática de uma vida ascética por meio da escrita de si. Amado comporta-se como um discípulo ascético e utiliza suas memórias como uma forma de confissão, autopunição e construção de si enquanto homem disciplinado.

A preocupação com a higiene do corpo e dos espaços pelos quais circulava figura nas memórias de Amado como algo natural. Como se, desde sempre, ele carregasse consigo o que ele chama de “senso naturalístico da vida”. A construção de sua escrita opera, justamente, nesta intenção de dar uma substância, uma essência àquele corpo que necessita ser preenchido por palavras que parecem lhe emprestar algum sentido. Nessa empreitada, Amado sobrecarrega suas memórias de lembranças que insistem em construí-lo como um corpo, desde sempre, higienizado, um corpo moderno por excelência e também ascético.

A intenção de conferir um sentido para sua existência escamoteia uma série de circunstâncias que delimitam o interesse de Amado em se construir enquanto um homem de intelecto e de higiene. Amado, literato, filho e político da “velha” república, sente a necessidade de se constituir como o protótipo do homem ideal à construção e bom

---

desenvolvimento da nação que, ao contrário de muitos outros, não trazia em seu corpo, praticamente imaculado, marcas de doenças venéreas. A necessidade de Amado se declarar como um homem racional e disciplinado é também uma resposta de Amado a si e aos outros que, na época do assassinato, o qualificaram como selvagem. A escrita de suas memórias é uma invenção que o permite construir um lugar para si em meio às tramas de seu passado e de seu presente.

### **Referências:**

AMADO, Gilberto. **Minha Formação no Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

COSTA, Jurandir Freyre. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999, 282p.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, 330p.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? E A escrita de si In: **O que é um autor**. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro, Portugal: Ed. Passagens, 1992, p. 29-87; p. 129-160.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. **Legislação e educação. O ideário reformista do ensino primário em Sergipe na Primeira República 1889-1930**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação pela UFSCAR Santa Catarina, 2004.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres: a Educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.